



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

## DILEMAS ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO NA JUVENTUDE

JOSÉ ANIERVSON SOUZA DOS SANTOS

HUGO MONTEIRO FERREIRA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

### Resumo

O trabalho tem se tornado com o passar dos anos um novo “rito de passagem” da infância para a vida adulta. Seu sentido está para além da dimensão econômica e se subscorre, entre outros fatores, na auto realização pessoal e na inserção no mercado de consumo. Nesta pesquisa nosso objetivo é discutir a respeito do(s) significado(s) do trabalho para as juventudes e suas implicações na formação dos mesmos. Para tanto, fizemos uso de uma pesquisa realizada em 2010 pelo Instituto de Protagonismo Juvenil (IPJ) na cidade de Surubim/PE entre pessoas abaixo de 18 anos até 30 anos de idade. Recortamos alguns dados referentes a emprego, faixa etária, carga horária de trabalho, escolaridade e carteira assinada. Concluímos que a combinação entre trabalho e escola, embora não seja estimulado, é ainda uma forma de garantir à juventude sua autonomia em diversos âmbitos.

Palavras-chaves: Juventude. Trabalho. Educação.

### Abstract

The work has become over the years a new "rite of passage" from childhood to adulthood. Its meaning is beyond the economic dimension and supports, among other factors, self personal fulfillment and integration into the consumer market. In this research we aim to discuss the meaning(s) of work for youths and their implications in their formation. For this, we used a survey conducted in 2010 by the Juvenile Leadership Institute (Instituto de Protagonismo Juvenil - IPJ) in the city of Surubim/PE among people under 18 years old to 30 years old. We cut out some data on employment, age, working hours, education and a formal contract. We conclude that the combination of work and school, although not encouraged, it is still a way to ensure youth autonomy in different areas.

Keywords: Youth. Work. Education.

## 1. INTRODUÇÃO

As questões relativas ao trabalho afetam, sem sombra de dúvidas, diversas áreas da formação do indivíduo, principalmente do jovem[i]. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que muito embora haja um crescimento na escolarização da juventude o desemprego entre jovens é superior ao restante da população. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania em 2004 aponta para os significados do trabalho para os jovens, que vai além das questões simplesmente financeiras e perpassam o sentido de independência e de auto realização.

Na pesquisa coordenada pelo Instituto de Protagonismo Juvenil (IPJ) em 2010[ii] é possível perceber com maiores detalhes as questões que interferem o trabalho em relação à escolarização, ao gênero, faixa etária, carga horária de trabalho, salário, se trabalha e recebe horas extras, se possui segurança no trabalho etc. Esta pesquisa teve um número de 1.080 entrevistados e um índice geral de 43% de respondentes homens e 57% de mulheres e desses índices 19% dos homens estavam desempregados para 34% das mulheres desempregadas.

Também se faz necessário dizer que a referida pesquisa foi realizada com a população de Surubim entre indivíduos abaixo de 18 anos e acima dos 30 anos de idade, o que difere da faixa etária considerada jovem pela Política Nacional

de Juventude, que vai dos 15 aos 29 anos de idade (BRASIL, 2014).

Na pesquisa, foram abordadas questões como escolaridade, carga horária de trabalho, salário, segurança no trabalho, carteira assinada, hora extra, entre outros aspectos. O que mais chama atenção são os números em relação aos índices de emprego no município. A proposta além de confrontar questões de condições de trabalho entre os jovens, também, conseguiu analisar as condições entre as jovens mulheres e os jovens homens, analisando assim, o preconceito histórico que recai entre o papel do homem e da mulher na sociedade de consumo. Essa questão, no entanto, não será foco de discussão neste artigo.

Encontramos, mais uma vez, situações explícitas de subemprego ancoradas na ideia de que qualquer emprego serve desde que se esteja empregado. Porém, para o trabalho ter sentido libertador e empoderador na vida dos jovens, ele precisa garantir que os mesmos consigam acessar os bens materiais os quais são para eles essenciais ou importantes na construção de suas identidades.

Assim sendo, qualquer emprego na vida dos jovens não basta. Esse emprego precisa dar ao jovem um sentimento de prazer pelo que faz, por sua vida, seus amigos, familiares, escola, namoro... enfim, o acesso ao mercado de trabalho precisa fazer a diferença no dia-a-dia dos jovens de Surubim como dos milhares de jovens espalhados por cada cidade brasileira. Muito embora saibamos que cada realidade consegue deixar bem particular a situação dos jovens, mas ainda assim, hegemoniza questões comuns da juventude brasileira – como o trabalho, por exemplo.

Esse artigo surge da seguinte problemática: Qual(is) significado(s) possui o trabalho na vida dos(as) jovens e qual(is) sua(s) implicação(ões) na formação desses sujeitos? Dessa forma, nosso principal objetivo é discutir a respeito do(s) significado(s) do trabalho para as juventudes e suas implicações na formação dos mesmos.

Para responder nosso questionamento e alcançar nosso objetivo, elegemos a pesquisa intitulada “Jovem *versus* Trabalho: o que resta dessa sociedade contemporânea para essa classe social?” realizada em 2010, sob a coordenação do IPJ na cidade de Surubim, interior de Pernambuco. Essa pesquisa usou como metodologia de coleta de dados o questionário. Além de questionários a pesquisa buscou realizar “rodas de conversas” com jovens estudantes na intenção de ouvir seus anseios e identificar problemáticas que a aplicação dos questionários não conseguiria identificar. Para este artigo selecionamos alguns dados dessa pesquisa. Focamos em trabalhar com os dados que se referem aos números de trabalhadores e suas faixas etárias, carga horária de trabalho, se possui ou não carteira de trabalho assinada e escolaridade. Esses dados serão sempre confrontados com a questão de gênero, buscando apresentar os índices para jovens do sexo masculino e feminino.

## 1. DILEMAS ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO EM SURUBIM

De modo geral, a juventude é encarada como uma passagem, da infância para a vida adulta ou, em outra perspectiva, da fase não laboral para a inserção no mercado de trabalho. Helena Abramo (2005) comenta que a juventude é uma etapa de preparação para a complexidade das relações de produção trazidas pela sociedade industrial. Nesta fase juvenil – de preparação para a entrada no mercado de trabalho –, o sujeito é “suspenso” de suas obrigações. Está numa fase de “moratória”, onde as cobranças e as responsabilidades não são condicionantes para sua presença na sociedade. Esta fase é socialmente compreendida como “adiamento dos deveres e direitos da produção, reprodução e participação, um tempo socialmente legitimado para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania” (ABRAMO, 2005, p. 41).

Abramo (2005) cita ainda que essa preparação era dada por instituições especializadas, ou seja, a escola e, estas duas situações – a não obrigação do trabalho e dedicação exclusiva ao estudo – tornaram-se elementos centrais na compreensão do que se chamou de condição juvenil. Mais tarde, vai dizer Abramo, depois que se ampliam as instâncias de preparação, não sendo mais apenas a escola – nem a família – e, tomando campo a importância do lazer, cultura, a construção da sociabilidade, das identidades etc. para essa juventude o conceito de moratória é ampliado, se tornando, para além da suspensão e adiamento da vida adulta, “processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal e social, como sexualidade, trabalho, participação cultural e política, etc.” Esta premissa nos leva a concluir que “A vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta” (ABRAMO, 2005, p. 43).

Nesse processo, como cita Marialice Foracchi (1972, p. 22), há “um ponto de inflexão crítico, constituído pela passagem da condição de jovem para a condição de adulto”, o que se dá devido a complexidade das formas de organização social em cada sociedade, as alternativas que se apresentam à juventude, entre outros fatores. A imagem da sociedade em que a juventude se espelha ainda não está nítida, devido sua busca de identidade e a permeabilidade de suas relações (FORACCHI, 1972).

A autora enfoca ainda que nessa passagem, da juventude à fase adulta, há mais do que uma transição, há uma crise, o

que caracteriza o ponto de convergência da marca social e psicológica da juventude. Tornar-se adulto não significa apenas deixar de ser jovem; no dizer de Foracchi (1972, p. 30), “Assumir-se como adulto corresponde ao esforço de colocar-se diante das opções de vida que o sistema apresenta e enfrentá-los como tais”. Foracchi acrescenta ainda que “Crescer e tornar-se adulto são tarefas terrivelmente difíceis em nossa sociedade” (FORACCHI, 1972, p. 30).

Comprar ou a possibilidade de fazê-lo, se tornou, como disse Bauman (2013, p. 83) a “plenitude da vida” e é por meio do trabalho que é possível acessar esses bens de consumo. Há um agravante neste ponto. Se consumir possui significados de realização e de prazer em que situação fica aqueles jovens que não estão inseridos (ainda) no mercado de trabalho e, portanto, não são consumidores?

Dessa forma, a inserção no mercado de trabalho, na dimensão da juventude, se tornou seu “rito de passagem”. Essa premissa corrobora para a discriminação das juventudes que estão inseridas nos setores empobrecidos e estigmatizados da sociedade, mais vulneráveis as incertezas do futuro e do mercado de trabalho. Para essa parcela da juventude, no entanto, a entrada para a vida adulta tem sido adiada.

Bauman citando Giroux (2013, p. 53) considera que os problemas relacionados a juventude está sendo em “‘adestra-los para o consumo’, e de que todos os outros assuntos relacionados à juventude são deixados numa prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural”. Por sua vez, Abramo (1994) comenta que, por volta dos anos 70, o mercado identifica um contingente consumidor entre os jovens das camadas populares – embora seu baixo poder aquisitivo – e essa “descoberta” contribui para o surgimento de produtos e serviços voltados para esse público, principalmente referente a moda e ao lazer.

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. “Por meio da forma educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “emergir os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado” (BAUMAN, 2013, p. 52).

Esse adiamento pode ser resposta às mudanças, nas últimas décadas, em função das grandes transformações produtivas e sociais, que tem alterado os padrões de transição de uma condição à outra. Assim, a aquisição do primeiro emprego, por exemplo, tem se configurado numa imensa dificuldade, levando em consideração o grande aumento da competitividade e da demanda por qualificação.

Este é um elemento que merece atenção, tendo em vista que muitos jovens tem se inserido, cada dia com mais frequência, em postos informais de trabalho. De um lado, existe a necessidade de se inserir na cadeia produtiva para acessar os bens culturais que estão disponíveis a essa parcela da população e, de outro, a importância da escola como possibilidade de ascensão curricular, o que pode gerar o ingresso em melhores postos de trabalho. Assim, o trabalho na juventude pode ser considerado como a garantia de permanência no ambiente formal de ensino, já que trabalhando, ele mesmo poderá manter-se na escola para, conseqüentemente, arrumar um melhor emprego.

Esse tema ainda merece atenção tendo em vista que o não acesso a esses postos formais de trabalho pela parcela empobrecida da juventude, ou seu acesso em condições precárias, tanto contribui como é resultado de uma má formação educacional. Como vimos, o trabalho pode ser um dos elementos garantidor da permanência do jovem na escola e, a inexistência do mesmo, pode dificultar sua formação.

Como bem citou Teixeira (2013, p. 209) “Muitos jovens terminam efetivamente por abandonar os estudos, com escolaridade ainda muito baixa [...]” e isso resulta na dificuldade do mesmo em pleitear melhores empregos. Essa conciliação – escola, trabalho – não eliminam as dificuldades de combinar essas duas atividades, “[...] das quais resultam muitas desistências, mau aproveitamento, reprovação e lentidão no desempenho escolar” (MADEIRA, 1988 apud ABRAMO, 1994, p. 59).

Em Surubim, os números que se referem a essa conciliação entre escola e trabalho mostram os possíveis agravantes desta problemática. A pesquisa revelou que 42% dos homens trabalham mais de 8 horas por dia enquanto 40% das mulheres trabalham nesta mesma intensidade. Esses dados revelam a dificuldade real que possui tais trabalhadores em conciliar seu trabalho com a possibilidade de estudo. Esses números, ainda altos, revelam apenas a situação dos jovens inseridos no mercado formal de trabalho, com sua carteira de trabalho assinada. Quando se trata dos postos informais de trabalho, esses números revelam 52% para os homens e 47% para as mulheres, trabalhando mais de 8 horas por dia.

A pesquisa revela ainda um percentual de 48%, entre os jovens do sexo masculino de 18 a 30 anos de idade, que trabalham com carteira assinada onde, 44% possuem o Ensino Médio (alguns ainda cursando) e 26% possuem o Ensino Superior (alguns ainda em curso). Para as mulheres na mesma faixa etária, os números revelam 55% inseridas no mercado formal de trabalho, com carteira de trabalho assinada, onde 24% delas possuem o Ensino Médio (algumas

ainda cursando) e outras 16% estão no Ensino Superior.

O trabalho, mesmo assumindo essa condição de inserção do jovem na vida adulta, possui significados que vão além do caráter de necessidade econômica. Assume o caráter [...] de via de acesso a uma autonomia desejada em relação à família, tanto no sentido de maior independência e liberdade de ação (...) pois o trabalho confere maturidade e respeito no interior da família, como no sentido de possibilidade de consumo de bens pessoalmente valorizados (SPINDEL, 1978; TELLES e ABRAMO, 1985; MADEIRA, 1986 apud ABRAMO, 1994, P. 60).

Ainda sobre esses significados, do trabalho para as juventudes, Clara Regina Rappaport (1981, p. 30) comentando sobre os estágios psicossociais de Erik Erikson diz que “A realização profissional é o que dará ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo dentro do grupo social”, ainda, esse trabalho “[...] é o que o configurará como um membro independente e simultaneamente co-participador na construção de bens, portanto da realização do mundo material”.

Dessa forma, citando Abramo (1994) a escola assume a importância de ser um meio por onde as juventudes podem obter uma inserção ocupacional. Muito embora, ao longo dos anos, a obtenção de diploma não seja garantia de ingresso no mercado de trabalho, a sua ausência torna ainda mais penoso essa inserção. É ainda esperado que, para possibilitar que o trabalho seja uma possibilidade de realização pessoal e independência financeira, seja fundamental adiar a entrada do jovem no mercado de trabalho, para garantir sua permanência na escola e aquisição de diplomas mais elevados, como comentou Teixeira (2013).

No dizer de Bauman (2013, p. 25) “O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar”, o que nos indica que o mercado de trabalho tem se tornado, ao longo dos avanços tecnológicos e de produção, um desafio para as juventudes e que a educação, em especial a escola, se configura como a instituição por excelência de preparação para os “ritos de passagens” na juventude.

Múltiplas são as relações entre juventudes, escola e trabalho. Relações estas, complexas e mutantes cuja compreensão nos obriga um olhar cuidadoso sobre os fatores que determinam a presença desses jovens na contemporaneidade, o que nos indica uma visão de uma juventude plural, heterogênea.

## 1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da segunda metade da década de 1990, o tema da juventude começou a ganhar projeção e complexidade no espaço público brasileiro e nessa mesma época os índices crescentes de desemprego atingiram, sobretudo, os jovens, pois, cerca de 52% dos desempregados em 1996 tinham entre 10 e 24 anos de idade (POCHMANN, 2000).

Em linhas gerais, os jovens passaram a chamar a atenção da sociedade como vítimas e/ou protagonistas de problemas sociais. Muitos projetos e ações foram e estão sendo criados, dirigidos majoritariamente a adolescentes e jovens e focando questões como desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, drogas e particularmente violência. E à medida que esta última temática ganha destaque entre as preocupações da sociedade mais os jovens são com ela identificados, reforçando no imaginário social a representação da juventude como um problema.

Apesar da força dessa concepção, outro movimento começa a ser delineado. Primeiramente, no qual se cresce o reconhecimento de que a juventude vai além da adolescência; tanto do ponto de vista etário e biológico quanto das questões socioculturais que a caracterizam. Também de que as ações e projetos a ela dirigidos exijam outras lógicas, além da proteção garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) às crianças e adolescentes e do Estatuto da Juventude aos adolescentes e jovens. Ainda, pela ação dos próprios jovens, assim como de ONGs e outros seguimentos, um amplo processo de afirmação da necessidade de reconhecê-los enquanto sujeitos de direitos nos quais começa a ganhar força e legitimidade.

Porém, “muitos jovens das classes populares gozam de abundante tempo livre, embora se trate de um tempo de espera, vazio, em virtude da falta de trabalho, de estudo e de alternativas de um ócio criativo e vitalmente enriquecedor” (ABAD, 2003, p.26). Podemos garantir que esse tempo não é um tempo legitimado e valorizado pela família e pelos pares, mas se configura como um tempo da angústia, impotência, frustração, também o tempo da estigmatização social, um tempo em que empurra na direção da marginalidade e exclusão, o tempo de ficar “marcando bobeira” numa esquina, exposto aos agentes da limpeza social. A estes jovens, a perspectiva de uma vida de trabalho e sacrifício não lhes parece ter a mesma eficácia que aos seus avós, seja por saberem que não conseguirão o que estes obtiveram ou porque não lhes interessa conseguir unicamente o que seus avós buscavam. Sobre isso disse Bauman:

Os jovens da geração que agora está entrando ou se preparando para entrar no chamado “mercado de trabalho” foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucessos de seus pais; e que essa tarefa (excluindo-se um golpe cruel do destino ou sua própria inadequação, eminentemente curável) está totalmente dentro de suas possibilidades. Não importa aonde os pais conseguiram chegar, eles chegarão mais longe. Pelo menos é assim que foram ensinados e doutrinados (BAUMAN, 2013, p. 45).

Nessa perspectiva pensamos ainda em relação aos jovens que (ainda) não ingressaram no mercado de trabalho, seja pela grande competitividade do mercado, seja pela baixa escolaridade, ou até aqueles que estão inseridos em postos informais de trabalho e que possui baixa renda o que dificulta seu consumo dos bens culturais. No dizer de Bauman (2013) nossas emoções mais instigantes estão em torno do poder de consumo. Dessa forma, compreendemos que “Para os consumidores excluídos, versão contemporânea dos que não têm, não comprar é o estigma desagradável e pustulento de uma vida sem realizações – de ser uma entidade e de não servir para nada”; essa impossibilidade de consumir “Significa não somente a falta de prazer, mas a falta de dignidade humana. De significado na vida” e, de forma última, a falta “[...] de humanidade e de quaisquer outras bases para o autorrespeito e para o respeito das pessoas à sua volta” (BAUMAN, 2013, p. 83).

Para essa parcela excluída, das camadas populares, segundo Abramo (1994) o que facilitou a inserção desses jovens ao mercado de consumo foi a reforma financeira de 1968, que estabeleceu o sistema de financiamento de crédito. Alguns dos produtos da indústria cultural, “[...] como discos, fitas, revistas de entretenimento, filmes, têm seu maior público entre os jovens, para quem passam a ser preferencialmente dirigidos” (ABRAMO, 1994, p. 61).

Os jovens de Surubim aqui pesquisados são os mesmos que consomem os produtos culturais disponíveis no mercado contemporâneo. São esses que frequentam barzinhos, boates, restaurantes, igrejas, escolas, praças... São os mesmos que se drogam, se prostituem, roubam..., mas também trabalham. O que não se pode é querer explicar fenômenos existentes na vida dos jovens de forma isolada de sua vida pública, do seu dia-a-dia e dos significados que tais fenômenos possuem.

Percebemos que, muito embora seja ideal o adiamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho, para que estes sejam inseridos, de forma integral nos sistemas formais de ensino, para posterior ingresso satisfatório na sociedade de consumo, a realidade que está posta, muitas vezes, obriga os jovens a conciliar o trabalho com a escola – ou vice versa – a ponto de a permanência em um seja o motivo da permanência no outro. Os dados da pesquisa nos revela esse fato. Entre os jovens do sexo masculino entre 18 e 24 anos de idade pesquisados, 76% estão trabalhando, em empregos formais ou não. Enquanto isso, 77% dos homens pesquisados ainda estão concluindo alguma fase de seus estudos. Em relação as mulheres, na mesma faixa etária, também 76% delas estão em postos formais ou informais de trabalho, porém 38% delas estão ainda conciliando seu trabalho com os estudos.

Por mais dificuldades que possam surgir ao longo dessa dura conciliação, o acesso a bens culturais (e aqui incluímos a escola), a partir de renda própria, possui, na juventude, significado de auto realização e autonomia. Essa autonomia não é apenas financeira, mas tem haver com diversas outras dimensões do ser jovem e estar inserido nos grupos sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (org). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003, pp. 13 a 32.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: ed. Scritta, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estatuto da Juventude: Lei nº 12.852, de agosto de 2013**. – Brasília: SNJ, 2014.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972.

POCHMANN, Márcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações dos anos 1990. Movimento. Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, UFF-DP&A n. I, maio de 2000.

RAPAPPORT, Clara Regina (Coordenadora). **Psicologia do desenvolvimento**. V 04. São Paulo. EPU, 1981.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Juventude: entre os dilemas da educação e do trabalho. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de (Orgs.). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

[i] Mesmo compreendendo as questões relativas as discussões de gênero no uso da linguagem, preferimos fazer uso dos termos apenas no masculino para diminuir a quantidade de símbolos utilizados no texto. Leiam-se os termos que se referem a um coletivo sempre no masculino e feminino.

[ii] A pesquisa intitulada “Jovem *versus* Trabalho: o que resta na sociedade contemporânea para essa classe social?” foi realizada dentro das atividades da Semana da Cidadania 2010, organizada pelas Pastorais de Juventude do Brasil e que teve como tema “Trabalho para a Vida, não para a Morte”. A pesquisa aconteceu na cidade de Surubim e foi realizada pela Pastoral da Juventude de Surubim e coordenada pelo Instituto de Protagonismo Juvenil, com patrocínio da então Secretaria Especial de Juventude e Emprego de Pernambuco. Uma versão online da pesquisa pode ser encontrada no link: <http://goo.gl/g26Bth>.

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Bolsista da Capes. Grupo de Estudos Transdisciplinar da Infância e da Juventude (GETIJ). Email: [aniervson@gmail.com](mailto:aniervson@gmail.com)

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Grupo de Estudos Transdisciplinar da Infância e da Juventude (GETIJ). Email: [hmonteiroferreira@yahoo.com.br](mailto:hmonteiroferreira@yahoo.com.br)

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 09/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: